

SIMPÓSIO SOBRE A CULTURA  
E A LITERATURA CABO-VERDIANA

COMUNICAÇÕES  
" CLARIDADE "

MÓDULO 2  
" LITERATURA "

Mindelo, S. Vicente

23-27/Novembro

A CIDADE DO MINDELO NA,  
FICÇÃO DE ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES

Sem qualquer intenção de bairrismo-ilhéu, escolheu-se como tema para este trabalho: A CIDADE DO MINDELO NA FICÇÃO DE ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES como uma tripla homenagem; ao Autor, escritor da Claridade, natural da cidade do Mindelo, que valoriza elevando-a à ficção como o espaço exclusivo da sua novelística; à Claridade, revista que se tornou expressão de um Movimento Literário e Cultural, nascida aqui na cidade do Mindelo devido às condições que reunia na altura, e de que se comemora agora o cinquentenário; e, por último, à Gente do Mindelo, cujo problema das relações humanas constitui o pano de fundo da novelística gonçalviana.

Manuel Lopes, nas suas "Reflexões sobre a Literatura Cabo-Verdiana" num dos Colóquios caboverdianos em Lisboa, disse, a dado passo, a propósito da cidade do Mindelo e do Porto Grande, o <sup>seguinte</sup> que nos ajuda a compreendê-la:

"A cidadezinha do Mindelo pode-se dizer que veio ao mundo sobre as quilhas da navegação internacional, nasceu, por assim dizer, cosmopolita, porque nasceu parasita do porto, e até hoje sempre dependeu dele. Sobre essas quilhas tem navegado, ora em boa maré, ora em mares bravios, mais nestes que naquela. As convulsões do mundo não são completamente estranhas e alheias aos seus filhos, porque o movimento do seu porto depende dos caprichos da política internacional".

Júlio Monteiro Júnior, num artigo sobre a população do Mindelo, intitulado "Gente do Mindelo" escreveu:

.../

"Formada pela miscigenação de sangues de estranhas e remotas origens, ela tem características próprias, entre as quais sobressaem: a fidalga hospitalidade do povo, o amor ao trabalho e ao equilibrado sentimento artístico, respeito pelos deveres e direitos de cidadania, e, até, um fino humorismo para apreciar as coisas mais graves desta vida. Estas características, que são a herança de uma ancestralidade rica e vigorosa, plasmou-as o Porto Grande - imensa janela aberta sobre o Atlântico e através da qual os ventos da civilização e do progresso refrescam estas ilhas..."

#### A GEOGRAFIA DA CIDADE DO MINDELO NA NOVELÍSTICA GONÇALVIANA

Mindelo, cidade natal de António Aurélio Gonçalves, é o espaço privilegiado e o pano de fundo exclusivo de toda a sua novelística, excluindo dois textos - Noite de Vento e A Consulta - em que há breves referências memorialistas ao meio rural de Santo Antão.<sup>(1)</sup>

Nesse realismo descritivo há uma preocupação em definir os limites geográficos da ilha para, sem se deter em pormenores, passar à "morada" e fixar-se em alguns bairros da periferia.

Na obra O Enterro de Nha Candinha Sena, Cristiano, do Alto de Celarine faz um ângulo de 180° com o pescoço e segue a cinta de penhascos e montes que delimitam a ilha. Começa no extremo leste, no Monte Verde, percorre S. Pedro, no sul, e completa o semicírculo apanhando um trecho da baía e o Monte da Cara, ao ocidente.

Ao privilegiar a cidade do Mindelo, algumas zonas ou ruas surgem como acidentes ou simples referências enquanto outros aparecem como palco de acções menos importantes. Tal é o caso da zona da Praça Serpa Pinto, mais conhecida como Praça Nova, hoje Praça Amilcar Cabral, o Largo da Alfândega com a sua Esplanada dos Aviadores, a Rua de Lisboa, hoje Rua dos Libertadores d'África, a Pracinha d'Igreja, hoje Praça (dos Mártires de) Pidjiguiti e o Largo do Dr. Regala.

Nas novelas o leitor é guiado na geografia da cidade enquanto o autor, como verdadeiro cicerone, vai caracterizando a geografia económica e humana.

A "morada" funciona como o centro da vida sanvicentina em que há um movimento pendular de atracção - repulsão centro-periferia, em busca de melhoria quer económica, na baía do Porto Grande, nas casas das senhoras da Praça Nova ou num lugar favorável para o comércio para não se acabar os dias no Rabo de Salina; quer social, onde se adquire o estatuto de Dona, como são os casos das D.D. Lolinha e Zulmira, enquanto outras são Nhãs (simplificação cabo-verdeana para senhora)<sup>2)</sup> como Nhã Candinha, Nhã Maria Arcangela, ou Nhã Tudinha; quer ainda espiritual à procura da igreja para *alimentos espirituais*.

O coração da cidade é apenas referido como lugar de onde saem caminhos para os bairros periféricos. É o caminho da Praça Nova em direcção ao norte que vai dar ao Madeiralzinho (Noite de Vento); é a "Pra-cinha" que leva aos bairros do lado oriental como Alto de Celarine, e Fonte Filipe, e à Chã de Cemitério (O Enterro...), no sul; é a Rua de Lisboa que leva ao Alto de Celarine (Biluca); ou é a Rua António Nola que leva ao Lombo (Pródiga e Virgens Loucas).

Os bairros periféricos são enumerados na novelística de Aurélio Gonçalves mas os que realmente constituem o espaço de montagem das novelas, e por isso bem caracterizados, são a Fonte Filipe (Noite de Vento) o Alto de Celarine (O Enterro de Nha Candinha Sena) e o Lombo Pródiga e Virgens Loucas).

FONTE FILIPE é descrito como um morro onde há um vento que vem de longe, que se levanta "traçando o desenho de uma pirâmide a oriente da cidade, impedindo o seu alargamento em direcção à Ribeirinha." A paisagem "é árida, escura, de uma cor suja de terra sem húmus, ao abandono" onde se dispersa "um casario feito de construções variadas

na sua pobreza, compreendendo desde as filas de résdo-chão com paredes de alvenaria, cobertas de telha, habitáveis, até às barraquinhas levantadas sobre ripas forradas de lona". A população tem um viver difícil e incerto, mas resignado. "As mulheres 'sobem' o seu cug-cus, fazem o seu giro, compram e revendem confeitarias (...) Os homens andam pela cidade a ver se tiram um dia de serviço."

. ALTO DE CELARINE como o próprio nome o define, é um alto que fica nas proximidades da Fonte de Cónego e antes da Fonte Filipe, com as mesmas características sócio-económicas que este.

. LOMBO é o desembocadouro da Rua António Nola, pálida lembrança de "um Mindelo de há muitos anos, com um porto animado de um movimento tumultuoso, insuflando vida a uma população atarefada e variada de trabalhadores da baía, delirando em bailes a pau-e-corda, oferecendo ligações fáceis, consumindo vidas." A sociedade do Lombo é constituída por "gente de muitos ofícios, alguns empregados, outros com ar, sem ocupação". A sua animação a vida no/deve-se ao "marítimo que vem de longe, cansado de mar, faminto de terra firme, de mulheres, sedento de álcool e com vontade de dar car, de fazer doidices".

#### A INFLUÊNCIA DO MEIO MINDELENSE NOS PROTAGONISTAS

O determinismo mecanicista do séc. XIX veicula-se na literatura na segunda metade desse século com o Realismo - Naturalista de que são figuras máximas os escritores Flaubert e Emile Zola, Charles Dickens, Dostoyevsky e Tolstoi, Antero de Quental e Eça de Queirós, autores que terão exercido grande influência sobre Aurélio Gonçalves.<sup>(3)</sup> O determinismo, como sistema filosófico, apoia-se no pressuposto que todos os fenómenos ou acontecimentos têm necessariamente uma causa. O determinismo confunde-se usualmente com fatalismo e com destino. Estes conceitos acentuam a ideia da inevitabilidade de um acontecimento, enquanto o homem se sente subjugado por forças estranhas, que limitam

a suprimem a sua aparente liberdade.

É assim que se diz que "Xandinha está a cumprir um destino. Ela é que o chamou, ela é que tem que aguentar com ele!" ou é Cristiano a quèixar-se da sua sorte: "Eu era daqueles que dão a volta ao mundo e regressam com as mãos vazias. Saciei-me de ver outros passar-me à frente, ajuntar cabedais, conquistar o seu quinhão de felicidade, mas eu?... Tinha nascido para ser explorado pela cadela da vida". Bettinha, uma das "virgens loucas", justifica-se: "Quando eu não sinto o Lombo a chamar-me, lá [em casa da Mãe] é que vou acabar o meu dia [...]. Mãe não quer compreender que cada um vem a este mundo com um destino".

A descrição da cidade do Mindelo, para além de servir para fixar uma fase do seu desenvolvimento, é funcional na medida em que explica as características das personagens.

O afastamento geográfico do centro para a periferia, e desta para os bairros, dá conta da descida social na escala mindelense até terminar em zonas de gente humilde e desprivilegiada. Ou seja, as condições económicas garantem um determinado nível social que está intimamente ligado com o sítio onde se habita. O conto Miragem dá conta dessa relação:

"Tendo os maridos [de Etelvina e Tudinha] ocupado empregos modestos, desceram de classe e ficaram pertencendo àquela zona a que (sem o receio das designações que, em Cabo Verde, se tornariam pomposas de mais) se dá o nome de burguesia pobre, ou mais modestamente: meia tigela, classe apagada, laboriosa, comedida, que luta esmagada entre as exhibições e turbulências da classe mais alta (ou com mais pretensões) e a maioria, multidão, muito mais numerosa, todavia, anónima, formando massa compacta, indistinta, conhecida por "o povo"."

Tomemos como exemplo a personagem Xandinha da Pródiga. À me-

dida que Xandinha vai descendo na escala social, moral e económica, ela desce na geografia da cidade (curioso também é que desceu dum nível físico alto para um nível físico baixo). Da Fonte Filipe em casa da mãe -imaculada - arrenda um quartito a meias com Deolinda na Rua António Nola e torna-se pequena de Jerónimo. Levada pelo acaso, Xandinha cai na companhia de Iéidora e mora no Lombo de Trás e é uma "vida terrível de mândria, de fome na barriga, de prostituição".

A cidade do Mindelo, com as suas características próprias, determina comportamentos das personagens e leva-as a "sentir" necessidade de um companheiro ou companheira: "Quando não há uma pequena morre-se de aborrecimento" ou "menina sem um homem sofre muitas dificuldades". A degradação moral feminina é igualmente consequência do meio onde os rapazes são uns malandros, a mulher não é respeitada e não se sabe que é que as meninas têm na cabeça. A esse respeito lê-se ~~acerta~~ de Xandinha da Pródiga: " S.Vicente tinha-a estragado, como só S.Vicente sabe estragar".

Sendo o meio determinante sobre as personagens, fica por explicar a razão de todos os protagonistas serem femininos. Na sua obra Literatura Africana-Literatura Necessária II, Russell G. Hamilton, justifica o facto:

"Ao lançar mão da mulher como protagonista [...] demonstrava uma consciencialização referente à emigração, preponderantemente masculina, e às resultantes convergências socio-económicas no arquipélago. A mulher é a herdeira da precaridade social e económica oriunda das contingências da emigração e do desemprego. É a instabilidade das relações entre a mulher e o homem que determina na temática, o discurso e a dinâmica da narrativa de Gonçalves".

Os protagonistas são:

Em Noite de Vento, NITA, desafortada, insubmissa e decidida,

comete dois actos de rebeldia, primeiro, quando é ela quem abandona Lela, e não o contrário, e vai "amigar-se" com o marinheiro Vírgilio; segundo, quando sai da casa do marinheiro apaixonado e vai viver com a mãe;

Em Pródiga, metáfora de uma parábola bíblica, XANDINHA sai da casa da mãe e, de queda em queda vai <sup>passar</sup> ao "viveiro agitado e venenoso que é o Lombo" e "a vida em pouco tempo, tinha-lhe colado uma máscara e lançara-lhe sobre os ombros uma capa de miséria, de aviltamento" e é então que decide regressar à casa maternal;

Em O Enterro de Nha Candinha Sena, NHÃ CANDINHA é amiga fiel e dedicada e muito amorosa com as crianças, contudo, amargurada e insuadida nos casamentos;

Em Virgens Loucas, as três virgens da novela - NUNA, BETINHA e DOMINGAS - que, num impulso de mulheres-borboleta, tentam aproximar-se da luz, são prostitutas e "loucas porque se atrevem a negar o seu papel social quando, por uma noite, procuram ser "mulheres decentes";

Em História do Tempo Antigo, NHÃ GUILHERMINA é a mulher que se informa para poder dar as novidades e com uma religião "feita de princípios que vai buscar a campos diversos: catolicismo, espiritismo, protestantismo... Lê as Cartas Doutrinárias do centro espírita O Redentor, acompanha estas coisas todas;"

Em A Consulta, NHÔ SERAFIM DA GRAÇA, é um dos bons lavradores de Santo Antão, em decadência, agarrado à terra, agora cardíaco e atacado do medo da morte; (1)

Em Biluca e Burguesinha, BILUCA, adolescente de Alto de Celarine, é toda desenvolta, descarada e lançada (sem medo) consciente dos problemas e dos amores dos adultos, joga com as circunstâncias tirando proveito delas;

Em Miragem, ETELVINA e TUDINHA, são amigas de convivência íntima apesar de temperamentos diferentes com um engano terrível na vida conjugal.





## O FICCIONISMO DO REAL QUOTIDIANO

Sendo a ficção a arte de explorar ou apresentar um tema fazendo-o passar através do imaginário para, num jogo de cumplicidades o tornar aceitável pela consciência real, pode-se afirmar que António Aurélio Gonçalves soube captar a realidade do meio citadino mindelense com seus pequenos dramas e condicionalismos próprios e *elevá-los* ao plano da ficção.

Só um íntimo contacto entre o ficcionista e a realidade física e humana envolvente poderiam levar Aurélio Gonçalves a ser, segundo Arnaldo França, "um dos mais notáveis criadores literários e seguro intérprete da vida e do cabo-verdiano". É assim que, na sua ficção, Aurélio Gonçalves dá-nos a visão de alguns passos emotivos, *penas e compêntamentos* característicos da vida mindelense:

• Nas relações amorosas - A esse respeito o amigar-se é mais normal que casar-se já que os vínculos são menos fortes e podem ser, a qualquer momento, anulados e desmontada a casa posta para o efeito, cabendo usualmente essa atitude ao homem. Em Biluca, nhô Sabino rompeu com nh'Aurinha e "mandou-lhe avisar que não entrava mais em sua casa [...] Ele pedia-lhe que saísse e levasse todas as suas coisas. Nh'Aurinna respondeu-lhe que sim; sabia que a casa era sua, não era casada e, por isso, o seu dia de sair - cedo ou tarde - havia de chegar".

Pouco vulgar era a mulher deixar o seu companheiro mas Nita faz isso por duas vezes e é censurada: "Então, tu sabes com quem esta pequena viveu dois meses: com o Léla de Cristina e o Léla é um animal que deixa as amantes, quando sabe ou presente que estão grávidas. Queres ser pai dos filhos dos outros?" ou "Ela é boa pessoa, mas - paciência - tem manias. Deixa-a. Dizem que ela é de tempo e com razão. Nita é mulher de caprichos: assim como chega, assim, também, desaparece sem participar o mo

.../

tivo a ninguém".

Nos hábitos sociais. - Aqui entram os grupos recreativos e os bailes de orquestra tradicional que se dá em S. Vicente onde geralmente há "um grupo de pequenas seleccionadas e bebidas à vontade"; a vida noturna ao luar onde não falta alguém a tocar um instrumento típico como "distracção... Dentro de casa a gente aborrece-se. A mim, Deus não me fez para estar fechado. Frio? Não: o vento não faz nada. Deixa-me tocar"; ou o hábito sagrado de ir a um funeral ou de fazer visitas de pêsames chegando ao ponto de muitos trazerem sempre na algibeira" uma gravata preta para o que der e vier"; ou ainda a "guisa habitual nas casas desta terra onde se chora um defunto" com "choro alto, uma vozaria brusca e aflita!"

Nos hábitos alimentares. - O pequeno almoço, ou o café, tem um componente característico que é a cachupa de pela manhã bem refogada com toucinho picado. O almoço já não é uma prática dos pobres e Biluca explica isso: "Mamã saía, logo de manhãzinha, para o serviço, ela dava-me café [...] e oxalá quando eu a encontrava e, depois dizia-me "[...] É para eu poder [...] ver se à noite te poderei trazer uma caneca de cachupa, pelo menos, tirada da caldeira da casa onde eu estou em serviço, agachado, às escondidas, porque Deus os livre de tomar fé de como eu te trago alguns grãosinhos de cachupa". O lanchinho da tarde é um hábito do grupo remediado onde há a chamada comida de terra, constituída por chá de ervas - cidreirinha ou outra - ou café, acompanhado de bolacha de Matos com manteiga e ou queijo de St<sup>o</sup> Antão ou mesmo cus-cus. O jantar de cachupa, regra geral pobre, com um olho-largo quando aparece peixe - um pouco de gordura e alguma malagueta, e que fica para ser usada na manhã seguinte, ou um caldo de peixe.

Nas condições metereológicas. - O vento é uma constante em Mindelo e é elevado à ficção quase com estatuto de personagem. Surge em Noite de Vento como algo que "vem de longe, de terras desconhecidas" e com vida própria: "Mergulha e cá em baixo, na chã, são correrias de cavalo assustado, paragens frementes, elevações, mergulhos inesperados e, depois, redemoinhos como pi -

ruetas de bailarino fantástico [...]. Quando encontra Fonte Filipe, tateia aquele morrinho com os seus dedos de rajadas, ásperos como vasculhos de ferro, maltrata-o e deixa-o revoltado, como alguém que se obstinasse à procura de objecto cuidadosamente oculto". Na Pródiga, é o elemento que procura impedir o regresso de Xandinha à casa materna: "Um pé-de-vento forte levantou-se repentinamente[...] era das nortadas mindelenses que sopram mudando caprichosamente de direcção, levantam-se de um lado, acometem do outro, procura a cara com bofetões inesperados, nascem do solo, aos nossos pés, elevam-se tufando a saia das mulheres como balões, e Xandinha, sempre dobrada, dançava, desengoçava-se de posição em posição, quase se acocorava para que a saia não lhe voasse até à cabeça e para fugir à sensação do frio a lambar-lhe a pele". Em Virgens Loucas é o castigo pela imprudência de não se ter posto "num canto aquele restinho para petróleo" para o candeeiro sem "nenhum piugo".

Na atração pelas brigas - O pugilato é um espectáculo que atrai as massas mindelenses. Em Virgens Loucas, para assistir ao desafio entre os dois estrangeiros, "adultos, garotada, a corriam, enchiam o recinto, apertavam-se, na pressa de arranjar uma boa posição para assistir ao espectáculo". Igualmente Biluca quando conta que gritou pedindo para parar uma briga explica: "Agora já tinha gente a amontoar-se à porta porque [...] se tem gente curiosa, é gente desta terra".

#### O LOCALISMO E O UNIVERSALISMO EM ANT<sup>o</sup> AURÉLIO GONÇALVES

O localismo é bem evidente em Ant<sup>o</sup> Aurélio Gonçalves no emprego de expressões estritamente locais, no espaço bem localizado e nas características exclusivamente mindelenses. Contudo, os temas de fundo, para além da sua cõr local, são universais. É assim que os temas bíblicos das parábolas <sup>dos Evangelhos</sup> de O Filho Pródigo e de As Dez Virgens são retomados.

de O Filho Pródigo e de As Dez Virgens são reformadas  
esta. É assim que os temas bíblicos das parábolas  
são os seguintes:

1. O Reino dos Céus é semelhante a um homem que saiu a viajar  
e deixou a casa a cargo de um servo. Este servo chamou os seus  
camponeses e deu-lhes a tarefa de trabalhar no campo. Quando  
o senhor voltou, encontrou o primeiro camponês a trabalhar  
e perguntou-lhe: "Por que estás aqui a trabalhar?" Ele respondeu:  
"Porque não tinha nada de fazer em casa."

2. O Reino dos Céus é semelhante a dez virgens que foram a comprar  
azeite para as suas lâmpadas. Cinco delas tinham lâmpadas  
cheias e cinco delas tinham lâmpadas vazias. Quando o noivo  
se apresentou, as cinco com lâmpadas cheias entraram no  
casamento e as cinco com lâmpadas vazias ficaram fora.  
Quando o noivo voltou, as cinco com lâmpadas cheias  
entraram novamente e as cinco com lâmpadas vazias ficaram  
fora. Assim, o Reino dos Céus é semelhante a dez virgens.

3. O Reino dos Céus é semelhante a um senhor que chamou os seus  
camponeses e deu-lhes a tarefa de trabalhar no campo. Quando  
o senhor voltou, encontrou o primeiro camponês a trabalhar  
e perguntou-lhe: "Por que estás aqui a trabalhar?" Ele respondeu:  
"Porque não tinha nada de fazer em casa."

4. O Reino dos Céus é semelhante a um senhor que chamou os seus  
camponeses e deu-lhes a tarefa de trabalhar no campo. Quando  
o senhor voltou, encontrou o primeiro camponês a trabalhar  
e perguntou-lhe: "Por que estás aqui a trabalhar?" Ele respondeu:  
"Porque não tinha nada de fazer em casa."

ABS

Outros temas universais são igualmente tratados:

A infância, a adolescência e a velhice

A relação entre nhã Candinha e Cristiano pode ser vista como uma relação amorosa Adulto/Criança.

O amor de nhã Candinha - cãndido, puro, como o próprio significado do termo - tinha duas razões. Primeira razão, porque ele era filho da sua maior amiga <sup>(Augusta)</sup> divina como o seu nome, por quem teve uma dedicação incansável e "o respeito que se tem por uma irmã mais velha", daí o transferir-lhe a sua grande amizade. Segunda razão, porque nhã Candinha nunca teve filhos o que a levou a descarregar em Cristiano todo o seu instinto materno.

O amor de nhã Candinha manifestava-se gabando Cristiano <sup>às suas visitas,</sup> como "um menino muito meigo, muito bom", a fagando-o nos seus braços, segredando-lhe aos ouvidos, dando-lhe coisas "sabe" e mostrando-se despeitada. "já não és aquele meu miguinho? Assim é que tu és? [...] já não gosto de ti, já não és um rapazinho bonito [...]. Não é verdade, ouviste?"

Por outro lado, o amor de Cristiano era <sup>instintivamente</sup> sensual e terá sido causado pela própria orfandade (a timidez de Cristiano não seria um sintoma disto?). "Não me lembro bem do rosto [de Nhã Candinha]; com o tempo, apagou-se-me da memória"; mas o que lhe lembrava meiguices e carícias isso ele não esquecia: os olhos "sorridentes e meigos"; os braços (comparados a um ninho) onde " eu nunca me cansava de rolar [...] a minha cabeça"; a pele " fina, morna"; e o tom de voz que era "uma verdadeira música e uma carícia para os meus nervos de criança", também comparado com "voz de rola ao primeiro roxear da alva".

Passaram-se os anos e quando Cristiano regressa como desembarcadiço, numa das suas primeiras tardes em S.Vicente, ele reavista Nhã Candinha, acabada, " um vulto miudinho de velha a descer vagarosamente o degrau da porta da casinha de outros tempos" e, instintivamente confronta-a com a imagem guardada de criança: as mãos "escuras, magríssimas e imóveis como dois leques fechados ao abandono"; o olhar, " vazio, gelado, olhar de alma paralisada, a quem já pouca coisa deste mundo interessava".

A adolescência, a desabrochar-se para a vida, com os seus segredinhos, os seus sonhos, as suas aspirações, são objecto de tratamento em Biluca e Burguesinha.

#### A migração e a emigração

Desempenhando S.Vicente um papel importante no conjunto das ilhas de Barlavento, há uma migração significativa das demais ilhas:

De St<sup>a</sup> Antão, chegam para fixar residência em S.Vicente, Nhã Filomena (Noite de Vento), Léla de Memento (Virgens Loucas) e Nhô Raimundo (A Consulta); do Sal, chegam as amigas Nhã Etelvina e Nhã Tudinha, com os respectivos maridos (Miragem); e de S. Nicolau chegam o Sr Quirino e a noiva bravinha, de passagem para o Brasil (Biluca).

A atração do Porto Grande é um convite para o estrangeiro e Cristiano emigra para a Europa, aliás, como tinham feito tantos outros anteriormente, à semelhança de Nhô Xalino, para os EUA (O Enterro de Nhã Candinha Sena) e as meninas para Dakar (Virgens Loucas).

#### A situação da mulher

Realça-se a insubmissão feminina personificada em Nita (Noite de Vento) perante o comportamento tipo esperado. Virgílio " não suportava as mulheres com o génio independente e sobranceiro da Nita; gostava da rapariga sub

missa, vivendo para satisfazer a vontade do seu homem". A mulher é companheira do homem na busca do sustento para a família: "sobem o seu cus-cus, fazem o seu giro, compram e revendem confeitarias", ou ganham algum dinheiro na costura. Outras vezes assumem-se como chefes de família e criam os seus filhos sozinhas. Chegam, por vezes, tal é o caso de Nh'Aurinha, a aprender o boxe e a dominar as artes marciais: "Deitou-lhe a mão ao peito da camisa e deu-lhe um pincho com toda a força. Ela apanhou-o na corrida em que ele estava e quase ele desequilibrou-se, porque ele revolteou no ar a espiar firmeza. Nh'Aurinha veio outra vez, encostou-lhe, depressa, a mão no seu ombro e largou-lhe outro empurrão. Desta vez ele caiu. Nh'Aurinha, então, abaixou-se e deu-lhe na cara por duas vezes".

Muito Obrigado!

/ MANUEL BRITO SEMEDO /

NOTAS:

1) Chama-se atenção para o facto de o texto A Consulta ter sido originariamente publicado no Boletim Cabo Verde nº 32, Praia, Maio de 1952, com a seguinte observação do autor: " Cap. de um romance em preparação: A Noite de Vento". Um outro facto importante é que a personagem masculina, Virgílio, é comum aos dois textos. Em Noite de Vento é o marinheiro que faz o seu "giro" entre Stº Antão e S. Vicente e, em A Consulta, é o filho de Nhô Serafim Pedro da Graça que acompanha o pai de Stº Antão ao consultório médico.

Talvez isso explique e reduza para apenas um único texto a avocação de Stº Antão, bem assim o facto de o protagonista em A Consulta não ser feminino.

2) Confronte-se com o conto Nocturno de D. Emília de Sousa, in "Raízes", nº 1, Praia, 1977, em que Baltazar Lopes explica a degradação do 'status' social como consequência directa da degradação económica: "No princípio, ela não era Nhã Milinha. Este acidente veio vindo, veio vindo, com passos aveludados à procura da presa, até que a encontrou ... A presa não era lá muito arisca, mas tinha defesas que as conveniências do mundo e da fortuna haviam erigido como sebes passivas, à sua volta. Dona Emília de Sousa nunca se deu conta de como, hoje uma, amanhã outra, as ramadas já secas da sebe se iam desconjuntando".

3) Confirma-se o perfilhar dessa filosofia no seu ensaio Aspectos da Ironia de Eça de Queirós, de que se transcreve o seguinte passo: " (...) a nossa visão é viciada pela nossa hereditariedade, pelas nossas paixões, pelas nossas sensações, pelo nosso meio, por todas as influências, conhecidas, obscuras, que, de cada vez, mais nos distanciam da percepção exacta, límpida, da realidade".